



## COLLOQUIUM

REVISTA MULTIDISCIPLINAR DE TEOLOGIA


ISSN: 2448-2722

### O LEÃO, A FEITICEIRA E O GUARDA-ROUPA: EXPLORANDO AS INTERFACES ENTRE A FILOSOFIA E A LITERATURA EM C. S. LEWIS

### The Lion, the Witch and the Wardrobe: Exploring the Interfaces Between Philosophy and Literature in C. S. Lewis

Samuel Sóstenes Silva Oliveira\*

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4096608716707845>

 <https://doi.org/10.58882/cllq.v7i2.140>

**RESUMO:** O propósito deste artigo é analisar o relacionamento entre Filosofia e Literatura em *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa* do pensador irlandês C. S. Lewis. Observando como os principais temas filosóficos são apresentados e representados mediante personagens-conceito, bem como debates pertinentes à reflexão e a práxis filosófica. A construção conceitual reformula os pressupostos e cosmovisões a partir da abordagem impactante, que insere o leitor/pensador dentro do enredo, visualizando-se nos dilemas estabelecidos pelo autor desta obra de literatura fantástica.

**Palavras-chave:** Literatura fantástica; Nárnia; Razão; Ética; Política; Estética.

**ABSTRACT:** The purpose of this article is to analyze the relationship between Philosophy and Literature in *The Lion, the Witch and the wardrobe* of the Irish thinker C. S. Lewis. Observing how the main philosophical themes are presented and represented through concept characters, as well as debates relevant to philosophical reflection and praxis. The conceptual construction reformulates the assumptions and views from an impactful approach, inserting the reader/thinker into the plot, visualizing himself in the dilemmas established by the author of this work of fantastic literature.

**Keywords:** Fantastic literature; Narnia; Reason; Ethic; Policy; Aesthetics.

\* Possui graduação em Filosofia pela Faculdade Evangélica do Meio Norte (2011), graduação em Bacharel em Teologia - Seminário Batista do Cariri (2003) e graduação em Bacharel em Teologia pela Faculdade Kurios (2009). Atualmente é professor de teologia do Centro de Treinamento Bíblico para Pastores e Líderes, professor de filosofia da Escola de Ensino Médio Luíza Távora e professor de sociologia da Escola de Ensino Médio Luíza Távora. Tem experiência na área de Filosofia, com ênfase em Filosofia.

## INTRODUÇÃO

A filosofia aboliu a narrativa mítica? Será que desenvolver uma cosmologia lógica e sistemática desconsidera o emprego de alguma literatura na qual a imaginação e a ficção preponderem? Qual seria a relação entre a arte (especialmente aquela que apela à literatura fantástica) e a expressão do pensamento filosófico?

Uma breve passagem pela filosofia socrático-platônica revela que a linguagem do Mito, da literatura fantástica, teve largo uso como ferramenta de expressão dos conceitos filosóficos. Um exemplo clássico desta prática estaria no livro VII de *A república*, onde se encontra a alegoria (ou o mito) da caverna, que se tornou uma das passagens mais relevantes para a compreensão da filosofia socrático-platônica (PLATÃO, 2011a, pp. 210-212). Outros exemplos marcantes desse recurso em Platão podem ser encontrados no Mito da parelha alada em *Fedro*, com o qual o filósofo ilustra as facetas da alma humana (PLATÃO, 2011b), e a noção de Mito verossímil empregada no *Timeu*.

Passeando um pouco pela história da filosofia os exemplos não são menos frequentes. Mesmo Descartes, no auge do racionalismo, lança mão da hipótese do Soberano enganador em suas considerações sobre o cogito nas *Meditações* (DESCARTES, 2018). Nesta toada, vale destacar o simbolismo filosófico de Nietzsche, bem expresso nas três transmutações do espírito humano registradas no *Zaratustra* (NIETZSCHE, 2021). Mais recentemente, David Chalmers emprega a noção hipotética de gêmeo zumbi em sua crítica ao materialismo. Em um formato diferente, mas igualmente fecundo, temos o empreendimento de Jostein Gaarder em *O mundo de Sofia*, onde a história da filosofia é contada por meio de um romance (GAARDER, 1995).

Uma vez que a história da filosofia é caracterizada pelo emprego de uma literatura, na qual a imaginação e a fantasia são veiculadas como instrumentos para expressar conceitos e ideias, o presente escrito se propõe a apresentar a obra *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa*, de autoria de C. S. Lewis. Esta que, em conjunto com outros seis livros do autor irlandês, compõem *As Crônicas de*

*Nárnia*. Nesta produção se destacará o relacionamento entre a narrativa de *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa*, e temas relevantes para o debate e a reflexão filosófica, desde a epistemologia, perpassando pela ética, até inquirir a respeito do transcendente. C. S. Lewis consegue trazer à tona uma filosofia da educação baseada *a priori* em personagens-conceito que vivem em um mundo paralelo ao nosso, mas que transitam, constantemente, entre as duas realidades, como se o conhecimento do mundo sensível exigisse, frequentemente, a interação com o mundo ideal imaginário. Neste processo, a imaginação adquire um papel fundamental. Por meio dela, um velho guarda-roupas, que para muitos é apenas uma mera mobília, torna-se a passagem para um mundo encantado, repleto de mistérios e desafios, numa vívida metáfora do conhecimento, da criação e da descoberta.

O modo como os paradigmas são desconstruídos e reconstruídos, como a ética é reavaliada, como o conhecimento e a verdade são analisados, constantemente, por cada nova situação que surge, como a lógica toma uma forma atrativa e empolgante, faz com que o leitor se envolva com temas da filosofia aprendendo de um modo espontâneo, espantoso e inquiridor, uma vez que o mesmo começa a se enxergar nos dilemas das personagens e a buscar a fundamentação para suas próprias convicções e ações.

## 1 - APRESENTAÇÃO DA OBRA LITERÁRIA

Publicado em 1950, *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa* é o segundo volume de *As Crônicas de Nárnia*, uma série de sete romances escrita pelo autor irlandês C. S. Lewis, um dos autores mais influentes do cristianismo contemporâneo. Apesar de ser o segundo na sequência, ele foi o primeiro a ser escrito, e parece ocupar o centro de *As Crônicas de Nárnia*.

Neste livro, inicia-se a saga dos quatro irmãos Pevensie. A aventura é ambientada durante a Segunda Guerra Mundial, quando Pedro, Lúcia, Edmundo e Susana são obrigados a saírem de Londres e a se refugiarem em uma pequena cidade na Inglaterra, na casa de um professor idoso e solipso. Enquanto exploram a mansão, Lúcia descobre uma passagem secreta no guarda-roupa do velho professor, que leva para uma terra chamada Nárnia, um lugar

mágico, repleto de criaturas mitológicas, com animais que falam. Nessa época, Nárnia era refém de um terrível e duradouro inverno, por causa da magia da Feiticeira Branca, no qual tudo parece perdido, porém alguns ainda nutrem a esperança pelo regresso de Aslam, o criador solar das terras de Nárnia.

A convicção dos narnianos sobre o regresso de Aslam como sendo a solução para todo o caos é expressa através da seguinte poesia:

“O mal será bem quando Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar” (LEWIS, 2009, p. 137).

Nessa visita inaugural, ao atravessar o guarda-roupa e sair no Ermo do Lampião, em Nárnia, Lúcia conhece alguém que marcaria a sua vida: um fauno chamado Tumnus, que a hospeda em sua casa. Em um primeiro momento, a intenção do Fauno não era das melhores: ele pretendia entregar Lúcia à Feiticeira Branca, por temer por sua própria vida ao abrigar alguém que poderia ser uma ameaça ao reinado invernal. Mas, não sendo capaz de trair sua consciência, ele preserva a segurança da garotinha, mesmo sob o risco de pena capital. O que resulta numa linda e duradoura amizade.

Edmundo também encontra a passagem mágica, porém, seguindo um rito oposto ao da sua irmã, e iludido por algumas promessas feitas por aquela que se intitula Rainha de Nárnia (inclusive encantado com seu manjar turco, sobrenaturalmente produzido por ela mediante a magia), ele se alia a Jadis, a Feiticeira Branca, e se compromete com ela, em levar seus irmãos em segredo até seu castelo.

A ingênua Lúcia, ao se deparar com seu irmão em Nárnia, nem imagina que ele tomou partido do lado adversário quando exclama: “Ó Edmundo, você também entrou aqui? Não é formidável?” (LEWIS, 2009, p. 119)

Quando todos os irmãos, finalmente, chegam a Nárnia, eles descobrem que são objeto de uma profecia narniana que dizia que quando dois filhos de Adão e duas filhas de Eva aparecessem e se tornassem reis de Nárnia em Cair Paravel (com a ajuda do leão Aslam), o governo da Feiticeira iria terminar:

“Quando a carne de Adão,  
Quando o osso de Adão,  
Em Cair Paravel,  
No trono sentar,  
Então há de chegar  
O fim da aflição.” (LEWIS, 2009, p. 138)

Mas, infelizmente Edmundo, tentado pelas promessas da Feiticeira Branca, acaba traíndo os próprios irmãos, avisando-a de que seus irmãos estão em Nárnia e que estão procurando por Aslam.

Os demais Pevensies foram guiados e orientados por castores ao encontro com Aslam. E mesmo em meio a perigos conseguem encontrar o verdadeiro senhor de Nárnia. O exército de Aslam conseguiu resgatar Edmundo do cativo de Jadis, mas ainda havia algo: pelas leis de Nárnia (Magia Profunda), um traidor deveria ser morto na “Mesa de Pedra”.

Para surpresa de todos, e de um modo extremamente altruísta, Aslam se ofereceu como substituto de Edmundo para ser sacrificado na “Mesa de Pedra”, local onde os traidores são entregues como sacrifício. Porém, algo mais espantoso ocorreu: A morte não foi capaz de vencer Aslam, que ressuscitou milagrosamente por ser inocente, conforme determina a Magia Mais Profunda de Antes da Aurora do Tempo.

Aproveitando-se da ausência de Aslam, a Feiticeira reuniu seus súditos fiéis para atacar o exército liderado agora por Pedro, e assim retomar o governo definitivo de Nárnia. Mas ela não sabia que o Grande Leão havia ressurgido e estava libertando os narnianos que tinham sido transformados em estátuas de pedra pela Feiticeira em seu castelo, e logo retornaria para ajudar Pedro na batalha, derrotando definitivamente a Feiticeira e seu exército.

Vitoriosos na batalha, os irmãos foram coroados reis e rainhas de Nárnia em Cair Paravel, recebendo os títulos de: Grande Rei Pedro, o Magnífico; Rei Edmundo, O Justo; Rainha Lucia, A Destemida; e Rainha Suzana, A Gentil. Eles reinam por muitos anos, em um período considerado “a Era de Ouro” de Nárnia.

Entretanto, após muitos anos de reinado, os irmãos empreendem uma caçada que os leva até o Ermo do Lampião (o mesmo lugar de chegada à Nárnia, vindo do guarda-roupa), que acaba os levando de volta ao seu mundo. Uma vez

que o tempo em Nárnia possui velocidade independente de qualquer outro mundo, eles voltam com a mesma idade, e exatamente no mesmo dia em que tinham entrado no guarda-roupa, como se tivessem passado apenas alguns minutos desde que atravessaram o guarda-roupa mágico.

## 2 - APRESENTAÇÃO DO FILÓSOFO OU CONCEITO FILOSÓFICO

“Embora a prisão deles esteja unicamente em suas próprias mentes, eles continuam lá. E tem tanto medo de serem ludibriados de novo que não conseguem livrar-se” (LEWIS, 2006, p. 717).

Em Lewis, a imaginação é um instrumento pedagógico que insere o leitor dentro de um mundo mitológico de diálogos, suscitando um ambiente propício à reflexão filosófica (BATISTA FILHO, 2021, p. 75). O exemplo de As crônicas de Nárnia serve para confirmar essa premissa. A construção fictícia de Nárnia possibilita o debate sobre temas da epistemologia, da antropologia e da filosofia da religião. A busca pela verdade evoca, sob muitos aspectos, a maiêutica socrática, onde a possibilidade do conhecimento coloca o interlocutor diante da subjetividade. Como lembra McGrath (2014, p. 100): “Talvez não devamos nos surpreender, então, por esse ser um tema importante em As Crônicas de Nárnia. Para Lewis, um dos papéis principais de Aslam é capacitar as pessoas a descobrirem a verdade sobre si mesmas”. Nesta interação, personagens, fábulas, símbolos e analogias empregadas pelo autor irlandês tipificarão conceitos, ideias e temas filosóficos.

Embora C. S. Lewis não seja classificado como um filósofo em termos mais específicos, ele tem recebido amplo reconhecimento na literatura como um pensador original, tanto pelos seus escritos ficcionais (onde seus personagens-conceito e as situações por eles enfrentadas remontam aos diálogos socráticos narrados por Platão), quanto nos seus inúmeros livros não ficcionais, nos quais, com uma linguagem profunda e envolvente, perpassa por múltiplos temas filosóficos com severa propriedade e uma argumentação sólida voltada sempre para a reflexão e o aprimoramento do pensamento e da ação.

Lewis não era apenas um acadêmico, mas um catedrático de renome reverenciado pelos contemporâneos como um destacado intelectual e um mestre influente: “Lewis estudou em Oxford, e depois tornou-se professor/tutor de Língua e Literatura Inglesa no Magdalen College, também de Oxford. Há quem diga que ele foi o melhor professor de sua época, bem como o homem com maior arcabouço literário.” (GASPAR e GREGEN, 2021, P. 25)

Seus escritos são o resultado de uma vida inteira marcada pela busca de um conhecimento verdadeiro e confiável. Não apenas uma mera informação, mas algo que satisfizesse às exigências epistemológicas e lhe trouxesse uma satisfação pessoal de que suas convicções eram absolutamente confiáveis: “A forma mais simples de alcançar o âmago da racionalidade de Lewis significa afirmar sua crença na lei da não contradição. Ele cria que o abandono dessa lei geraria perigo não só para a verdade, mas para o romantismo e a alegria” (PIPER, 2017, p 33).

### **3 - RELEITURA FILOSÓFICA A PARTIR DA OBRA LITERÁRIA**

O pensar filosófico é essencialmente marcado pela criatividade e pela possibilidade da descoberta. Tal fato expressa muito bem a tarefa fundamental da filosofia que, conforme lembram Deleuze e Guattari (2010) consiste na criação de conceitos. Desse modo a relação entre a filosofia e a literatura se apresenta como um terreno fértil para a criação, para o debate e para a reflexão. A interação entre estas duas matrizes epistêmicas é certamente o que leva Heidegger (1999) a afirmar que qualquer tentativa de separar a filosofia da literatura acarretará prejuízos irreparáveis para ambas.

Dentro da literatura, em especial na narrativa fantástica, se sobressai um elemento que privilegia a transmissão de conceitos, ideias e temas filosóficos. Historicamente ela tem sido empregada por diversas correntes filosóficas distintas com o intento de aproximar os iniciantes em temas complexos. Tendência percebida até mesmo em Platão, grande crítico da poesia e das artes em geral:

Considerando o pensamento platônico, destaca-se o fato de que, apesar de crítico a um modo como o mito foi usado por poetas, como

Homero, Platão não deixou de recorrer às narrativas míticas. Isso permite estabelecer como conclusão a tese de que as narrativas míticas podem ser pensadas como um modo para ensinar conceitos filosóficos (SILVA, 2020, p. 39).

*O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa* é um dos livros centrais de *As Crônicas de Nárnia*, onde se capta a centralidade do pensamento de C. S. Lewis, que é desenvolvido nos outros seis volumes. Considerando que há uma intencionalidade pedagógica e filosófica presente nos conceitos e eventos do enredo do livro, vale destacar alguns desses temas abordados pelo escritor irlandês.

Uma das primeiras questões que Lewis expõe é epistemológica: o que é a verdade? Os sentidos são confiáveis? A narrativa de Lúcia aos irmãos a respeito da descoberta de um mundo mágico é digna de credibilidade? Quais os critérios para aceitar ou rejeitar a mensagem de Lúcia? Essas questões bombardeiam, silenciosamente, o leitor logo nas primeiras páginas.

A garotinha aparentemente havida rompido os grilhões que a prendiam no interior de uma caverna mal iluminada, e se deparara com o sol, bem como com toda a natureza colorida, quando descobre Nárnia, mas seu regresso para informar isso aos companheiros não obteve o resultado que ela desejava: “A animação de Lúcia logo se converte em frustração, no entanto, quando percebe que seus irmãos e sua irmã não acreditam nela. E quem poderia culpá-los por isso? Afinal de contas, o que ela lhes contou era inacreditável” (BASHRAM; WALLS, 2006, p. 43).

Logo depois, seu irmão Edmundo, que poderia ter ajudado a esclarecer a situação ao testemunhar com seus próprios olhos a existência de Nárnia, acaba por decidir encobrir a existência de Nárnia, debochando de sua irmã, e fazendo dela uma lunática diante dos demais: “Ele confessa a Lúcia que atravessou o guarda-roupa, mas quando Lúcia, toda contente, diz aos outros que Edmundo pode corroborar com a história dela, ele, maldoso, se vira contra a irmã e diz que inventou tudo.” (BASHRAM; WALLS, 2006, p. 43).

O intrigante nessa conjuntura é a reação do Professor ao tomar ciência do dilema no qual os meninos se encontram. Ele não se exime de contribuir na



reflexão, lembrando aos irmãos algo crucial na busca pela verdade, que é a confiabilidade:

Ora, aí está uma coisa – tornou o professor- que precisa ser considerada, e com muitíssima atenção. Por exemplo, se me desculpam a pergunta: qual deles, pela experiência de vocês, é mais digno de crédito, o irmão ou a irmã? Isto é, quem fala sempre a verdade? (LEWIS, 2009, p. 123).

Durante toda a narrativa, a verdade e o engano sempre estarão presentes: Jadis fala a verdade ou engana Edmundo? E o fauno, será que é confiável? Quando castores falantes aparecem e chamam os meninos, não seria uma armadilha? Estariam eles agindo ao lado da verdade? Essa é a batalha central: a guerra pela verdade. Uma das questões mais cruciais para a filosofia desde o seu surgimento, e que justifica a *práxis* filosófica.

Ao realizar uma análise minuciosa das narrativas fantásticas de Lewis, torna-se evidente que o fator responsável pela batalha pela verdade é a consciência que cada personagem manifesta, bem como sua determinação em defender seus valores éticos e suas intenções morais. Estas instigam as personagens a se sacrificarem para defender aquilo que acreditam e expor algo que, até então, não estaria sendo percebido, porém, dependendo da condição inescrupulosa em que e elas se encontrem pode surtir um efeito contrário, a ponto de se lutar para omitir a realidade, substituindo-a por uma perspectiva inautêntica e dissimulada.

A ética ocupa um lugar especial na trama de *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa*. Uma vez que desde o primeiro momento em Nárnia, tudo é uma questão de reflexão entre o certo e o errado: “Na batalha do bem contra o mal, cada um é forçado a escolher um lado e tomar uma posição” (DITCHFIELD, 2010, p. 69). Vemos isso na luta do fauno em decidir obedecer a Feiticeira e poupar a sua vida entregando a menina para ela ou proteger a garotinha, mesmo que isso resulte em sua condenação. Ainda na atitude de Edmundo, ao escolher aliar-se à Jadis, traíndo sua própria família, ou ao negar a realidade de Nárnia aos seus irmãos. Bem como ao longo de toda a obra, a luta de Aslam, não é

meramente pelo controle político de Nárnia, mas para que a justiça, enfim, possa prevalecer.

A busca pelo bem, personificado em Aslam (seu altruísmo e amor pela justiça), é o que motiva as personagens, humanas ou não, a sacrificarem suas vidas na guerra contra a Feiticeira Branca pela libertação de Nárnia. O que conduz a uma nova questão: política.

Teria a Feiticeira Branca direito de Governar Nárnia, ou de modo ilegítimo ela usurpara o trono? Em que consistiria o seu reinado? Qual seria a diferença entre o reinado dela e de Aslam? Como as crianças poderiam ser coroados reis e rainhas de Nárnia? E ainda mais: o que exatamente é Nárnia?

Algumas dessas questões políticas exigiriam a leitura das demais obras que compõem *As Crônicas de Nárnia*, especialmente *O Sobrinho do Mago*, onde a criação de Nárnia é descrita, e a invasão inoportuna por Jadis ocupa parte do enredo. No entanto, em *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa* é possível perceber as nuances da abordagem política e o contraste entre os dois modelos propostos.

De um lado, temos uma tirana, que transforma em pedra aqueles que se opõem a ela, que não tolera dividir o seu poder com ninguém, e que se utiliza de seus súditos como massa de manobra para alcançar suas ambições pessoais. Do outro lado, é apresentado o criador de Nárnia como um governante justo e amoroso, que se sacrifica para salvar até os traidores, que divide o seu reino com seus súditos, aos quais ele demonstra prazer em honrar.

Enquanto perdura o reinado ilegítimo de Jadis, é apenas um inverno angustiante, no de Aslam o mundo ganha vida, e a natureza prospera:

“O mal será bem quando  
Aslam chegar,  
Ao seu rugido, a dor fugirá,  
Nos seus dentes, o inverno morrerá,  
Na sua juba, a flor há de voltar” (LEWIS, 2009, p. 137).

Ao analisar os efeitos do reinado de Aslam sobre a própria natureza, e sobre suas cores, nos deparamos com mais uma questão filosófica: a estética.

Novamente, seria válido recorrer à primeira obra, onde Lewis narra a beleza encantadora da criação de Nárnia, em uma apreciação tanto visual como auditiva, enquanto Aslam canta, e pelo seu sopro melódico tudo se forma com harmonia, graciosidade e formosura. Nesses termos:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção. Era mais suave e ritmada do que a canção com a qual convocara as estrelas e o sol; uma canção doce, sussurrante. À medida que caminhava e cantava o vale ia ficando verde de capim. [...] E surgiram outras coisas além da relva. As mais altas iam ficando escuras de urzes. Manchas de um verde mais intenso apareciam no vale (LEWIS, 2009, p. 59).

No entanto, procurando manter *O Leão, a Feiticeira e o guarda-roupa* como o objeto de estudo, é perceptível como a mudança visual entre o gelo descolorido sobre a natureza é imposto pela feiticeira, enquanto a chegada de Aslam traz a cor e a vida novamente à sua criação (LEWIS, 2009, p. 109).

Além de manter a imagem de que a vida se torna cinza e sem brilho, como pedra diante de Jadis (processo revertido por Aslam), o inverno começa a perder sua força e o encantamento da Feiticeira vai sendo quebrado. A beleza de Nárnia, aos poucos, retorna, com a esperança de que o reinado de Aslam seja estabelecido (LEWIS, 2009, p. 109-110).

Essa perspectiva de Aslam como sendo a solução para todo o caos epistemológico, moral, político e estético, só pode conduzir a uma última questão: O transcendente. Ele é apresentado como um ser necessário, alguém que justifica a existência de tudo, aquele que é, em si mesmo, a solução para todos os problemas e a esperança de libertação e restauração. Esse conceito é marcante em vários filósofos: pode ser lembrado em Aristóteles, ao apresentar a causalidade da qual o universo é resultante, ele conclui que há um primeiro motor, a causa não-causada, a qual seria um ser puro ato e imutável. E entre tantos pensadores, Tomás de Aquino aplica esse viés aristotélico à fé cristã na pessoa do Messias (Cristo em grego), aquele que personifica a divindade, e se apresenta como a solução final para toda o cosmos.

Essa perspectiva fica clara em *As crônicas de Nárnia*, afinal, em Aslam, Lewis emprega uma expectativa messiânica. O conceito messiânico (presente em várias religiões como o cristianismo) é indissociável do leão, o qual não precisa justificar as expectativas voltadas para ele, mas sempre se sobressai ao que poderia ser esperado dele.

Em situações diferentes este conceito se manifesta: inicialmente, ao ser apresentado como o criador de Nárnia. Depois como sendo o verdadeiro senhor de Nárnia: “Aslam, um homem! – disse o Sr. Castor, muito sério – Não, não. Não lhes disse eu que ele é o Rei dos Bosques, filho do grande Imperador de Além-Mar?” (LEWIS, 2009, p. 137). Por fim, como sendo alguém que não está preso ao espaço (seja Nárnia ou algum outro mundo) muito menos ao tempo, embora esta premissa seja mais evidente apenas quando chegamos à leitura de *A Viagem do Peregrino da Alvorada*, onde nos deparamos com o seguinte diálogo entre Lúcia e Aslam: “- Aslam, o que você chama de breve? – indagou Lúcia – Para mim, todos os tempos são breves – respondeu Aslam; e ao dizer isso desapareceu, deixando Lúcia sozinha com o mágico.” (LEWIS, 2009, p. 476). Para BRASSHAM e WALLS essa é uma asseveração de que Aslam é o senhor do tempo:

Para todo mundo, exceto para Aslam – os personagens na história e todos nós -, existe uma coisa chamada tempo. Há a necessidade de medir e ser medido, pelo tempo. Então, que devemos pensar quando Aslam afirma que sua relação com o tempo não é como Lúcia ou qualquer outro ser? Ou que para ele, todos os tempos – e, portanto, todos os eventos em todos os tempos – estão imediatamente presentes? Esta afirmação equivale dizer que Aslam não é limitado por nenhuma estrutura de referência, nem pela velocidade da luz, mas que ele pode simultaneamente, abranger todas as outras estruturas de referência (2006, p. 43).

Portanto, o modo como *As Crônicas de Nárnia* são construídas, aponta para Aslam como sendo a personificação de todos os ideais e valores do supremo bem. Incorporando o histórico conceito do *logos* (filosófico e cristão), onde tudo se explica, de onde tudo emana, a partir do que tudo ganha forma e identidade, inclusive a própria capacidade humana de pensar, refletir, sentir e agir.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do uso da literatura fantástica em Lewis como instrumento pedagógico e fomentador do pensamento filosófico apresenta algumas conclusões relevantes sobre este precioso recurso. De imediato, percebe-se o quanto a literatura é capaz de produzir a reflexão e a explanação de temas filosóficos de modo mais atrativo e esclarecedor. Em detrimento à visão equivocada que a Filosofia abole qualquer tipo de expressão fantástica, fazendo-lhe um embate antagônico, fica nítido que seu uso suaviza e aprimora a abordagem filosófica.

Não obstante, evidencia-se que tal expressão literária, em momento algum, empobrece a práxis filosófica, pelo contrário, abrilhanta e complementa o pensamento e a comunicação, evocando o cerne do pensamento filosófico: a imaginação. Nesta toada é possível excluir a monotonia do dogmatismo rígido e iniciar um processo de pluralidade de pensamento, ao perceber que certos conceitos e ideais precisam ser reavaliados e reaplicados de acordo com cada situação vivenciada. Despertando a crítica sensata e equilibrada suscitada pela percepção do contexto prático da vida e do cogitar.

Finalmente, a partir de uma ficção elaborada com intencionalidade filosófica (a exemplo de grandes clássicos da antiguidade e modernidade) Lewis consegue transpor barreiras educacionais relativas à epistemologia, ética, política, estética, bem como ao transcendente (cujo valor filosófico e prático tem sido questionado por alguns pensadores), demonstrando como, de fato, são indispensáveis à vida e justificam seu estudo, reflexão e vivência em todas as esferas do ser, tornando o ensinar filosofia uma disciplina para toda a vida e não apenas um conteúdo impraticável.

## REFERÊNCIAS:

ANDRADE FILHO, João Batista de. **A imaginação no ensino de filosofia: uma proposta de formação baseada na obra de C. S. LEWIS**. 2021. 110 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, Ceará.

BARSHRAM, Gregory; WALLS, Jerry L. **As crônicas de Nárnia e a Filosofia: o Leão, a Feiticeira e a visão do mundo.** São Paulo: Madras, 2006.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3.ed. São Paulo: Ed. 34, 2010.

DESCARTES, René. **Meditações metafísicas.** Bauru: Editora Edipro, 2018.

DITCHFIEL, Christian. **Descubra Nárnia – Verdades em: As Crônicas de Nárnia de C. S. Lewis.** Curitiba: Publicações Pão Diário, 2010.

GAARDER, Jostein. **O mundo de Sofia: romance da história da filosofia.** São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

GASPAR, Igor; GREGGERSEN, Gabriele. **Os Inklings: o grupo literário de C. S. Lewis e J. R. R. Tolkien.** São Paulo: Trinitas, 2021.

HEIDEGGER, Martin. **Introdução à Metafísica.** 4 ed. Rio de Janeiro: Editora Tempo Brasileiro, 1999.

LEWIS, C. S. **As Crônicas de Nárnia. Vol. Único.** São Paulo: Martins Fontes, 2009.

MCGRATH, Alister. **Conversando com C. S. Lewis.** 1 ed. São Paulo: Planeta, 2014.

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falava Zaratustra.** Cotia: Editora Pé da Letra, 2021.

PLATÃO. **A República.** São Paulo: Martin Claret Ltda, 2011.

\_\_\_\_\_. **Fedro.** São Paulo: Martin Claret Ltda, 2011.

PIPER, John. **O Racionalista Romântico.** In.: PIPER, John. MATHIS, David (Org.). Brasília: Editora Monergismo, 2017.

SILVA, Jhones Roberto da. **Narrativas míticas e alegóricas no ensino de filosofia.** 2020. 127 p. Dissertação (Mestrado Profissional em Filosofia) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, Paraná.